

# Crise da ética e sociedade brasileira

- 
- 
- 

**Danilo Marcondes\***

03 de maio de 2017 | 03h00

Danilo Marcondes. FOTO: Giselle Leitão/Projeto Comunicar PUC-Rio

Tem se tornado um lugar comum entre nós a constatação de que vivemos uma crise da ética.

Acontecimentos recentes com denúncias de corrupção nos mais altos escalões do governo, do legislativo e do meio empresarial vêm causando perplexidade pelo alcance e a dimensão de casos que, se de um lado, sempre se suspeitou que ocorressem, por outro lado, nunca se pensou que tivessem essa magnitude e que pudessem causar os prejuízos que concretamente causaram.

Que desafios trazem para a sociedade brasileira as consequências desses processos que se tornaram parte de nosso dia? Que podemos fazer diante disso? A pergunta sempre feita é: qual a saída? Um ponto positivo é certamente o aumento da consciência ética do cidadão brasileiro, ou seja, a percepção da importância de uma postura mais ética. Além disso, a certeza da impunidade das elites, muito comum em nosso contexto, em grande parte também caiu por terra. Mas, o que significa uma postura mais ética?

Corrupção fere os critérios éticos básicos de honestidade e respeito, de transparência e dignidade. Produz ineficiência, causa dano à sociedade, prejudica a coletividade, significa uma ruptura com a cidadania. A corrupção no serviço público viola um dos princípios mais básicos da ética na política, que remonta à “Alegoria da Caverna” de Platão, a distinção entre o público e o privado. Alguém que exerce cargos públicos e que faz negócios com o governo o faz no “interesse público”, qualquer desvio desse princípio produz falta de credibilidade e perda de legitimidade e de autoridade dos que exercem cargos e funções públicas. Os atenienses condenavam à perda da cidadania, o ostracismo, quem fosse culpado desses desvios. Não os julgavam mais dignos de pertencer àquela comunidade.

Pessoas que exercem cargos públicos devem ser capazes de prestar contas à sociedade que os elegeu ou a quem devem representar. É nesse sentido que tem sido diagnosticado que vivemos uma crise de representatividade, que só pode ser superada na medida em que o eleitor seja mais consciente e tenha uma noção mais clara do que significa um mandato político, exatamente como um mecanismo de representação. O amadurecimento ético e político de uma sociedade exige isso para que a cidadania possa ser plenamente exercida. Temos em muitos casos uma classe política isolada da sociedade, dos cidadãos que deveria representar, de seus eleitores.

A filosofia, à qual pertence tradicionalmente a área da ética, nos ensina que uma sociedade não sobrevive e muito menos se desenvolve sem uma consciência mais clara e um maior reconhecimento dos valores que considera fundamentais. Valores consistem exatamente naquilo que a sociedade valoriza, que tem como ideais. Justiça, solidariedade, honestidade, bem-estar são exemplos de valores,

admitidamente de caráter muito geral. Mas o caráter geral capta exatamente a ideia que esses valores são contextualizados, históricos e mudam de sociedade para sociedade e dentro de uma mesma sociedade com o tempo.

Além disso, em uma sociedade complexa como temos contemporaneamente diferentes grupos podem ter diferentes valores, portanto, a aceitação da diversidade e o respeito mútuo devem ser centrais em uma sociedade, permitindo a convivência, a inclusão, o pluralismo. Mas, valores não são dados, precisam ser construídos, reconhecidos, assumidos, defendidos e, principalmente, postos em prática. Não começamos éticos, a ética não é ponto de partida, mas ponto de chegada. Se não começamos éticos, vivemos crises, dificuldades e impasses, é preciso que enquanto coletividade tenhamos ideais e lutemos para coloca-los em prática. A ética deve nos fornecer, portanto, o que o grande filósofo alemão Immanuel Kant denominou “ideais regulativos”, ou seja, um rumo, uma direção, referências em termos das quais guiamos as nossas ações, pelas quais nos orientamos, mesmo que não as tenhamos atingido.

Esse deve ser o sentido de “construção de valores”. Trata-se sempre de um processo e também de um progresso em direção a fins, a ideais que reconhecemos como válidos e pelos quais lutamos. Esse o pressuposto para sairmos de um impasse em direção a uma real transformação na sociedade. Mudanças duradouras não são feitas de imediato, nem sem debate e discussão, exigem aprofundamento e perspectiva a longo prazo. Crises podem abrir esses caminhos difíceis, mas inevitáveis em momentos como o que vivemos.

Uma das principais características dessa luta pela ética deve ser a preocupação com uma melhor qualidade de vida não só individual como coletiva, incluindo nossa comunidade e nosso meio ambiente. Se vivemos uma crise da ética no meio político

e empresarial, vemos também uma ampliação da discussão sobre ética e a efetiva tomada de medidas que contribuem para esse aperfeiçoamento.

Mudanças recentes e posturas inovadoras em campos como Bioética, Ética Ambiental, Ética na Pesquisa, Ética nos Meios de Comunicação, Ética e Igualdade de Gênero e Raça são exemplos disso, de que em muitos aspectos estamos vivendo uma “virada” em direção a conquistas éticas. Embora estejamos ainda muito distantes do que almejamos esses são campos em que surgem novos valores, em que se combatem preconceitos, em que se ampliam direitos e em que a sociedade brasileira efetivamente se transformou e vem dando exemplos de que mudanças em um sentido positivo são possíveis. Temos tido grandes avanços e a sociedade tem se beneficiado disso.

Esses são importantes exemplos de boas práticas e de bons resultados que podem servir de modelo para a ética na política e nos negócios, mostrando assim que podemos caminhar na direção de uma sociedade mais ética, desde que efetivamente caminhemos enquanto coletividade.